

OS PRECONCEITOS VIVENCIADOS PELOS ALUNOS INDÍGENAS NAS UNIVERSIDADES

Vanessa Mirele da **SILVA**^{1*}; Eduardo Barbosa **VERGOLINO**²

¹Aldeia Pankará, Licenciada em História pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Licenciada em Educação Física pela Faculdade Santo Augusto (FAISA); Professora na Escola Estadual Indígena Bom Jesus dos Aflitos (EEIJA), Carnaubeira da Penha - PE. *Autor Correspondente. E-mail: vanessamirelly04@hotmail.com.

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - IFSERTÃO, Campus Floresta. Mestre em Filosofia. Endereço: Rua Projetada s/n, CEP: 56.400-000, Floresta, PE, Brasil.

Recebido: 21.07.2020 Aceito: 17.11.2020

<https://doi.org/10.29327/ouricuri.10.1-4>

Resumo: A proposta deste artigo iniciou com minha vida acadêmica. Como indígena Pankará da Aldeia Serra do Arapuá em Carnaubeira da Penha/PE, sempre busquei falar e trabalhar com temas relacionados à cultura das sociedades indígenas. Atualmente, lecionando em uma aldeia indígena, percebi que os preconceitos são reais, e a forma de bani-los é trabalhar no fortalecimento da cultura. Este trabalho teve como objetivo apontar, a partir de suas vivências, os preconceitos vividos pelos alunos indígenas inseridos nas universidades. Além disso, trabalhar o conceito de preconceito e os posicionamentos da sociedade, uma vez que muitos não se posicionam como preconceituosos, mas acabam discriminando o outro.

Palavras-Chave: Povos Indígenas; Discriminação Social; Educação Indígena.

THE PREJUDICES EXPERIENCED BY INDIGENOUS STUDENTS AT UNIVERSITIES

Abstract: The purpose of this article started with my academic life. As a Pankará indigenous from Aldeia Serra do Arapuá in Carnaubeira da Penha / PE, I have always sought to speak and work with themes related to the culture of indigenous societies. Currently, teaching in an indigenous village, I realized that prejudices are real, and the way to ban them is to work on strengthening culture. This work aimed to point out, from their experiences, the prejudices experienced by indigenous students inserted in universities. In addition, working on the concept of prejudice and the positions of society, since many do not position themselves as prejudiced, but end up discriminating against the other.

Key words: Indigenous Peoples; Social Discrimination; Indigenous Education.

LOS PREJUICIOS EXPERIMENTADOS POR ESTUDIANTES INDÍGENAS EN LAS UNIVERSIDADES

Resumen: El propósito de este artículo comenzó con mi vida académica. Como indígena Pankará de Aldeia Serra do Arapuá em Carnaubeira da Penha / PE, siempre he buscado hablar y trabajar con temas relacionados con la cultura de las sociedades indígenas. Actualmente, enseñando en una aldea indígena, me di cuenta de que los prejuicios son reales y la forma de prohibirlos es trabajar en el fortalecimiento de la cultura. Este trabajo tuvo como objetivo señalar, a partir de sus experiencias, los prejuicios vividos por estudiantes indígenas insertados en las universidades. Además, se trabaja el concepto de prejuicio y las posiciones de la sociedad, ya que muchos no se posicionan como perjudicados, sino que terminan discriminando al otro.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é resultante de uma inquietação gerada ao longo de minha jornada escolar e se baseia nas injustiças e discriminações da nossa sociedade em relação aos indígenas. Tendo como enfoque as vivências dos alunos, esse trabalho buscou apontar os diversos preconceitos que os alunos sofrem nas universidades e ressaltar o quanto esses preconceitos se encontram enraizados em nossa cultura.

Desde que os portugueses estabeleceram o primeiro contato com os índios, houve um processo de imposição da cultura eurocêntrica para com os nativos (Quijano, 2006). Sabemos que os indígenas se tornaram parte da construção do nosso país, desenvolveram importantes e variadas funções na sociedade pré-colonial e pós-colonial, mas sempre foram tratados como escravos e colocados em condição subalterna aos europeus (Cohn, 2001).

Ao longo do processo, mesmo servindo de mão-de-obra no desenvolvimento da colônia e no plantio da cana-de-açúcar, suas expressões religiosas e culturais foram sempre motivo de discriminação e preconceito.

Diante desses apontamentos, essa pesquisa citará e trabalhará os preconceitos que os estudantes indígenas sofrem nas universidades e apontará o posicionamento dos envolvidos perante essa triste realidade.

“PRÉ-CONCEITO”

O preconceito é uma “arma” usada que sempre foi utilizada contra as minorias. O homem branco sempre usou dessa ferramenta para se posicionar acima das camadas mais baixas, tendo seu poder baseado na discriminação. Esse termo se refere à construção de um ideal, um conceito formado anteriormente ou antecedente à constatação dos fatos, ou seja, o preconceito seria um conjunto de atitudes que configuram um comportamento de discriminação. Existem diversas faces que revelam as facetas do preconceito, seja ele racial, religioso, linguístico, de gênero entre outros (Bandeira e Batista, 2002).

Guimarães (2005) afirma que o preconceito é o silenciamento do político, é a naturalização da hierarquização normatizada que coloca fora da norma (da unidade identificadora) os desiguais. No qual, como foi dito anteriormente, os afetados são a minoria, negros, indígenas, ciganos dentre outros povos, sociedades ou indivíduos que estão à margem.

Os indígenas, e logo após os negros, tiveram suas culturas dizimadas em prol do fortalecimento do cristianismo e se tornaram mão-de-obra na construção da colônia. O papel dos indígenas e negros era de servir, trabalhar na produção açucareira e as mulheres, além de serem amas de leite e cuidar das casas grandes, serviam de escravas sexuais para os senhores.

Desde então, quando a questão da cor da pele, passou a ser utilizada como critério para classificar o indivíduo em “melhor” ou “pior”, as pessoas são discriminadas a todo instante. O

preconceito é uma consequência da escravidão, porque os negros eram considerados, até pelos mais estudiosos da época, seres inferiores, associados a animais e desprovidos de inteligência. Além disso, o preconceito tem origem em certos valores, na linguagem e no ideal de beleza. Este preconceito histórico contra os povos indígenas, continua muito presente atualmente.

No Brasil são cerca de 250 etnias e 800 mil indígenas autodeclarados, que vivem diversos tipos de preconceitos, seja por estarem acompanhando a modernidade, tendo acesso às tecnologias de informação, ou por saírem das aldeias para trabalhar e/ou estudar.

Surgem então os estereótipos, que são imagens preconcebidas, padronizadas e generalizadas estabelecidas pelo senso comum, sem conhecimento profundo, sobre algo ou alguém. Os alunos indígenas sofrem porque o branco tende a julgá-lo por querer e/ou estar inserido na cultura do branco, por usar as mesmas roupas, por estar nos mesmos ambientes. Para a sociedade, eles precisam estar nus, viver nas aldeias e não ter acesso nenhum às tecnologias. Sem contar que sofrem por desejarem ter acesso a mesma educação que os outros possuem.

Quando os alunos estão no ensino fundamental e médio, vivenciam a cultura nas rodas de Toré, rodas de conversas com os mais velhos, onde fortalecem suas identidades. A função da escola é mostrar novas realidades para seus alunos e fazer com que estes terminem essa fase preparado para ingressar nas universidades públicas ou privadas.

Um exemplo claro dessa tentativa de vivência está na Feira de Cultura realizada pelo Povo Pankará na cidade de Carnaubeira da Penha/PE, no qual sou pertencente, projeto que foi criado por volta de 2005 pela Comissão dos Professores Indígenas de Pernambuco (COPIPE), junto com professores e lideranças. Seu intuito é de divulgar a cultura e saberes do nosso povo, dentro e fora do território, além da valorização do que temos e somos.

A primeira dificuldade que nossos alunos sofrem, fora da escola pública, são os vestibulares que possuem os cursos que são de interesse para eles. Geralmente, esses processos não possuem cotas para os indígenas ou as vagas são mínimas, muitas vezes, é apenas uma vaga em um curso para dezenas de alunos (Peria, 2004).

Outra dificuldade é a localização, as universidades se distribuem em cidades distantes das aldeias, onde o estudante precisa se deslocar e arcar com os custos para que possa estudar.

Já não bastasse todas essas dificuldades, ao iniciar sua vida acadêmica, o aluno se depara com preconceitos acompanhados muitas vezes, de perguntas cheias de repulsa. Os “alunos brancos” perguntam o porquê de os indígenas quererem estudar, por usarem roupas e muitos outros questionamentos. Outras formas de repúdio é a tentativa de diminuir os alunos por terem uma escolaridade como a sua, por não estudarem em escolas particulares ou até mesmo pelos fatores linguísticos, até porque, ainda existem aldeias que possuem suas línguas nativas e os indígenas ainda estão se adaptando à língua portuguesa. Não podemos deixar de ressaltar que até os professores os colocam na condição de menos capazes.

Precisa-se falar sobre as cotas, estas foram criadas para dar acesso a negros, índios, deficientes, estudantes de escolas públicas e de baixa renda em universidades, concursos públicos e mercado de trabalho. Para muitos, as cotas não são uma forma correta para que as classes mais baixas tenham acesso as universidades, eles acreditam que isso seja um privilégio.

É função da universidade construir novos caminhos e oportunidades e com isso demonstrar que mais ações sociais devem ser pensadas, debatidas e construídas para e pelos indígenas (Luciano, 2006). Uma vez que esses ao buscarem seus direitos e uma educação melhor, encontram muitas cobranças desde a mudança na dinâmica de aprendizagem que é diferente das encontradas nas escolas indígenas, até os problemas sociais existentes, e quando chegam ao ensino superior enfrentam inúmeras barreiras, dificultando a permanência na universidade. Até porque o objetivo da Universidade é formar profissionais, sejam eles índios ou não índios, e isso é mais do que respeitar as diferenças, é permitir que o outro, seja o outro.

Para Borniotto (2017), o preconceito e a discriminação representam as principais causas do abandono e desistência por parte de estudantes indígenas que ingressam com pouco conhecimento da vida universitária, uma vez que os povos indígenas só tiveram acesso a esse nível de educação recentemente, desta forma assim que vivenciam os primeiros atos de discriminação, tendem a desistir dos estudos.

É necessário entendermos que são muitos os impasses que cercam nossos alunos, entretanto, precisa-se resistir e não se abalar. Não se pode calar, somos todos iguais perante a lei, e as condições financeiras ou títulos não os fazem superiores. Também é preciso transformar a estrutura universitária para que os saberes divergentes de outras povos/sociedades tradicionais, antes excluídos como traços de ignorância pelo etnocentrismo ocidental abasileirado, sejam reconhecidos no mesmo patamar de legitimidade acadêmica (Souza, 2013).

O desejo de muitos alunos indígenas é possuir uma graduação e voltar para sua aldeia e oferecer auxílio para a sua comunidade. São, também, portadores da consciência acerca do peso do sistema de preconceitos que incide sobre eles – muito distinto do relativo aos afrodescendentes – ainda quando essas tramas de estereótipos, verdadeiras narrativas historicamente construídas ao seu redor, transformando a rica diversidade de seus modos de viver em um ente único e genérico, que todos nós brasileiros, negros, brancos, filhos de imigrantes, supomos conhecer, “o índio”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É compreensível apontar que sempre houve preconceito e sempre haverá. Entretanto, nossas escolas e terreiros precisam ser o ponto central para fortificar a identidade dos nossos alunos. As universidades devem estar preparadas para buscar métodos e formas de auxiliar e ao mesmo tempo se beneficiar da presença indígena, para que juntos, possam caminhar na construção

de um mundo de tolerância e riqueza simbólica em que não bastará mais a repetição ampliada dos paradigmas voltados para o capitalismo contemporâneo.

Nada disso é ou será rápido. Não serão só dinâmicas exemplares e demonstrativas ou projetos que os façam entender que somos pertencentes a um dos países de maiores contrastes e desigualdades socioeconômicas, mas que singularmente contém uma grande pluralidade étnica.

Não podemos reverter 500 anos de colonialismo da noite para o dia, mas precisamos caminhar para a abertura dessas amarras. Os povos indígenas devem ser vistos como dotados de uma riqueza própria, pois, possuem sua cultura e conservam seus valores mesmo com tanta pressão colonialista e violência vinda dos brancos (Cohn, 2001).

Os alunos indígenas são discriminados e até tidos como inferiores, mas o que difere dos outros estudantes regionais, pobres, negros, brancos, são seus sistemas de valores e de pensamento, por seus conhecimentos, por sua visão de mundo, por suas redes de parentesco e relacionamento e, não esqueçamos, são portadores de identidades diferenciadas hoje apoiadas em direitos coletivos (Cohn, 2001).

É necessário resistir, não podemos nos calar diante de tudo que é imposto. Os alunos indígenas sofrem preconceito diariamente e são diminuídos e discriminados só por terem o desejo e necessidade de buscar seu crescimento próprio e melhorias para a sua comunidade, seja no setor profissional ou educacional.

REFERÊNCIAS

Bandeira, L.; Batista, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Estudos Feministas*, 10(1), 119-141, 2002.

Borniotto, M. L. S. Políticas de inclusão e formação superior de estudantes indígenas no Paraná: experiências da universidade estadual de Maringá. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

Borniotto, M. L. S.; Faustino, R. C. Estudantes indígenas na universidade: racismo e preconceito étnico. In: *Anais XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – Formação para mudanças no contexto da educação: políticas, representações sociais e práticas*. 2013. p. 5061-5073.

Cohn, C. *Culturas em Transformação: os Índios e a Civilização*. São Paulo em Perspectiva, 15(2), 36-42, 2001. DOI: 10.1590/S0102-88392001000200006.

Guimarães, E. *Multilingüismo, divisões da língua e ensino no Brasil*. Cefiel/IEL, Ministério da Educação, 2005.

Luciano, G. S. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

Peria, M. *Ação afirmativa: um estudo sobre a reserva de vagas para negros nas universidades públicas brasileiras. O caso do Estado do Rio de Janeiro*. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

Quijano, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Leher, R.; SETÚBAL, Mariana (orgs). *Pensamento Crítico e Movimentos Sociais: diálogos para uma nova práxis*. Rio de Janeiro, Cortez, 2006, p. 35-95.

Souza, J. O. C. Perspectivas ameríndias integradas ao universal acadêmico: o lugar dos indígenas na transformação polifônica da estrutura de ensino superior no Brasil. In: Estudantes indígenas no ensino superior: uma abordagem a partir da experiência na UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. p. 113-127.